

Todos somos bolchevistas, com a diferença de que somos também hipócritas. Os russos são bolchevistas sem hipocrisia...

— Mas há outras maneiras de ser bolchevista, além da soviética — disse Hammond. — Os bolchevistas não são inteligentes.

— Naturalmente que não. Mas às vezes o inteligente é ser-se imbecil: conduz ao fim visado. Eu, de mim, julgo o bolchevismo imbecil; nossa vida social, no Ocidente, é também imbecil; e nossa famosa vida mental também é imbecil. Somos todos uns puros cretinos, idiotas sem paixão. Somos todos bolchevistas — com a diferença que damos outros nomes. Acreditamo-nos deuses, homens semelhantes a deuses. Isso é bolchevismo! Temos que ser humanos; temos que ter um coração e um pênis para escaparmos de ser um bolchevista. — Porque Deus e bolchevista são a mesma coisa; coisa bela demais para ser verdade.

No meio de um silêncio desaprovador, ergue-se, ansiosa, a voz de Berry:

— E crê no amor, Tommy?

— Pobre criança! — respondeu este. — Não, meu querubim, mil vezes não! O amor dos nossos dias é ainda uma dessas comédias imbecis. Peralvilhos que enfiam em raparigas, em nádegas de meninos, semelhantes a dois botões de punhos. É dessa espécie de amor que quer falar, ou do amor encangado, "meu-marido-minha-mulher"? Não, meu amigo, não creio no amor.

— Mas crê ao menos em alguma coisa?

— Eu! Intellectualmente creio ter um bom coração, um pênis em bom estado, uma inteligência viva — e na coragem de dizer "merda" diante duma senhora.

— Tudo isto você tem, murmurou Berry.

Tommy Dukes torceu-se de rir.

— Meu anjinho, ah, se assim fosse! Se assim fosse! Não, meu coração vive inerte como uma batata, meu pênis nunca levanta a cabeça — e preferiria cortá-lo a dizer "merda" diante de minha mãe ou minha tia, damas respeitáveis; e também não sou inteligente. Sou apenas um vivedor mental. Que bom ser inteligente! Sentir-se que vive em todas as partes, as nomeáveis e as não nomeáveis. Com o pênis le-

vantado, a dizer bom dia a todos os inteligentes de verdade. Renoir pintava os seus quadros com o pênis — e que lindos quadros! Eu quereria fazer qualquer coisa com o meu. E só sei falar! Tortura inédita acrescentada ao inferno. E foi Sócrates quem começou...

— Ainda há mulheres gentis no mundo — disse Constance — levantando a cabeça e falando pela primeira vez.

Os homens ficaram chocados. Ela deveria ter fingido nada estar ouvindo. Era-lhes desagradável pensar que Lady Chatterley tivesse seguido tão de perto semelhante conversação.

— Santo Deus! — exclamou Tommy. — "Se elas não são gentis comigo, que importa que sejam gentis?" Não há nada a fazer. Não posso vibrar em uníssono com uma mulher. Não há nenhuma que eu verdadeiramente deseje, se me vejo face a face com ela — e não quero forçar-me neste ponto. Ah, não! Ficarei como sou, vivendo a minha vida mental. É a única coisa honesta que posso fazer. Sentirei o maior gosto em conversar com uma mulher — mas é um prazer absolutamente puro. Que diz a isto, meu franguinho?

— Que é muito menos complicado permanecer puro, respondeu Berry.

— Sim, a vida é uma coisa demasiado simples...

## CAPÍTULO V

POR UMA GLACIAL MANHÃ DE SOL de fevereiro, Clifford e Constance atravessaram o parque, em direção ao bosque. Clifford manobrava o seu pequeno automóvel e Constance seguia-o de lado.

O ar cortante tinha aquele eterno cheiro de enxofre ao qual ambos já estavam afeitos. No horizonte levantava-se a neblina opalescente da fumaceira sob o pálido azul do céu.